RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.
Ano V, v.1 2025. | submissão: 08/09/2025 | aceito: 10/09/2025 | publicação: 12/09/2025

A psicopedagogia técnica na formação de instrutores de tiro como ferramenta de autonomia

Technical psychopedagogy in the training of shooting instructors as a tool for autonomy

Sandro Christovam Bearare[1]

Resumo

A formação de instrutores de armamento e tiro precisa ir além da técnica operativa. É necessário desenvolver uma postura profissional voltada à transmissão clara do conhecimento, à construção da autonomia do aluno e à busca constante por evolução. Este artigo propõe uma reflexão prática sobre o papel do instrutor como educador técnico, e não como figura central de referência pessoal. Com base em fundamentos pedagógicos e na observação de cenários reais de ensino, o texto discute os riscos de uma formação centrada em vaidade, performance e autoridade, defendendo em seu lugar uma prática voltada ao estudo, à repetição com objetivo, ao feedback construtivo e ao incentivo à pesquisa. O bom instrutor não busca ser seguido, mas superado. Ele ensina para que outros façam melhor. O objetivo deste estudo é estimular uma nova geração de formadores que pensem, ensinem, testem e evoluam com base em conhecimento sólido, ética didática e compromisso técnico com a área de segurança.

Palavras-chave: formação de instrutores; ensino técnico; armas de fogo; autonomia; pedagogia aplicada; atualização profissional; educação crítica.

Abstract

The training of firearms instructors must go beyond operational technique. It requires a professional mindset focused on clear knowledge transmission, the development of student autonomy, and a continuous pursuit of personal and technical growth. This article offers a practical reflection on the role of the instructor as a technical educator, rather than a central figure of authority. Based on pedagogical foundations and real-world teaching experiences, the text examines the risks of instruction centered on ego, performance, and control. Instead, it advocates for an approach grounded in study, purposeful repetition, constructive feedback, and encouragement of critical thinking and research. A skilled instructor does not aim to be followed, but to be surpassed. They teach so others can do better. The goal of this study is to inspire a new generation of firearms educators who think, teach, test, and evolve with solid knowledge, ethical teaching practices, and true commitment to the technical field of security.

Keywords: instructor training; technical education; firearms; autonomy; applied pedagogy; professional development; critical education.

1. Introdução

Ensinar armas de fogo é mais do que passar uma técnica. É formar alguém para lidar com risco, decidir sob pressão e agir com responsabilidade. Por isso, a função do instrutor de armamento

[1] Engenheiro Eletricista, MBA em Engenharia de Produção, Pós-graduado em Logística, psicopedagogia e extensão em neurociência. Especialista em segurança, na formação e treinamento de profissionais na área de armamento e tiro, com vasta experiência em desenvolvimento de projetos, processos logísticos e coordenação de equipes, consultor em segurança e palestrante.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

e tiro carrega um peso que vai além da prática operacional. Ele é, antes de tudo, um educador técnico. E como tal, deve ter consciência do impacto do que ensina, da forma como ensina e, principalmente, da mentalidade que transmite.

Nos últimos anos, tornou-se comum ver formações centradas na figura do instrutor. Aparência, performance, autoridade e reconhecimento passaram a ocupar espaço demais no processo formativo, enquanto a construção da autonomia do aluno foi ficando em segundo plano. O risco disso é claro: ao invés de formar operadores conscientes, forma-se seguidores. Gera-se dependência, não domínio técnico. E quando esse modelo se replica, cria-se uma cultura de repetição sem reflexão, onde a instrução vira um espetáculo e não um processo educativo real.

Este artigo tem como objetivo provocar uma mudança de mentalidade entre instrutores que desejam evoluir. A proposta aqui não é impor um novo modelo, mas abrir espaço para reflexão, atualização e responsabilidade. A formação técnica exige didática, estrutura, ética e estudo contínuo. O bom instrutor é aquele que transmite com clareza, ensina com humildade, corrige com precisão e forma profissionais que pensam por conta própria. Ele não busca ser imitado, mas superado.

Através de conceitos da pedagogia aplicada, da psicologia da aprendizagem e da experiência prática acumulada em formações reais, este estudo apresenta caminhos para que o instrutor técnico de tiro atue com mais consciência e compromisso com o que realmente importa: transmitir conhecimento de forma responsável e preparar o outro para andar com firmeza, sem depender da sombra de quem ensinou.

2. O instrutor como educador técnico, não como referência absoluta

Em muitos cursos de formação, a figura do instrutor se sobrepõe ao conteúdo. O aluno aprende a respeitar o homem, mas nem sempre compreende a técnica. A autoridade pessoal, quando mal conduzida, pode silenciar perguntas, inibir dúvidas e limitar o processo de aprendizagem. Isso acontece quando o instrutor se posiciona como referência absoluta, e não como transmissor do conhecimento. O problema não está na experiência do profissional, mas no uso que ele faz dessa experiência dentro da sala de aula e da linha de tiro.

Um bom instrutor precisa reconhecer a diferença entre ensinar para ser seguido e ensinar para formar. Quando o conteúdo técnico depende da personalidade do educador, o risco de gerar dependência é alto. O aluno executa, mas não entende. Reproduz, mas não raciocina. Esse modelo pode gerar bons executores, mas não forma operadores conscientes, muito menos futuros multiplicadores.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

No livro *Ciência das Armas*, Bearare (2023) destaca que "a técnica que não pode ser explicada com clareza provavelmente ainda não foi dominada por quem ensina". Essa afirmação vai ao encontro da ideia central deste capítulo: o instrutor deve ter controle sobre o que transmite, mas também humildade para reconhecer que o centro da formação é o conhecimento, não ele mesmo. Sua função é facilitar o processo, guiar o aluno até o domínio técnico e, acima de tudo, abrir espaço para que o aluno supere o próprio mestre.

A autoridade de um instrutor não deveria estar na figura que ele representa, mas na qualidade do que entrega. Quando o ambiente de formação valoriza mais a imagem do instrutor do que o conteúdo, a técnica perde espaço, e o ensino deixa de cumprir seu papel. Formar atiradores exige muito mais do que ter sido um. Exige saber ensinar com clareza, sem vaidade e com foco total no resultado do aluno.

2. A pedagogia da autonomia na formação com armas de fogo

Ensinar o uso de uma arma é, por definição, um ato de enorme responsabilidade. Não basta demonstrar movimentos, corrigir empunhadura ou repetir comandos. O verdadeiro desafio está em desenvolver no aluno a capacidade de agir por conta própria, com segurança, clareza e consciência das consequências. Isso só é possível quando o ensino está fundamentado em uma pedagogia voltada para a autonomia.

Na prática, isso significa formar pessoas que saibam identificar erros, tomar decisões técnicas sob pressão e continuar evoluindo depois do curso. O oposto disso é formar dependentes — alunos que só funcionam sob comando, que esperam validação constante ou que têm medo de agir sem a aprovação do instrutor. Essa dependência, embora silenciosa, é um dos maiores obstáculos na formação técnica.

No livro *Educação em Conflito – Inteligência Artificial: Evolução ou Revolução?* Bearare (2025) afirma: "O verdadeiro educador não programa mentes para seguir, mas prepara consciências para decidir". Essa ideia se aplica diretamente à formação de operadores armados. O ensino não deve condicionar, mas libertar. O papel do instrutor é criar um ambiente em que o aluno se sinta seguro para errar, refletir, corrigir e construir sua própria base técnica, sem medo de não agradar.

A autonomia não nasce da ausência de orientação, mas da qualidade dela. Quanto mais claro for o processo de ensino, mais o aluno será capaz de caminhar com as próprias pernas. Isso exige que o instrutor abra mão do controle exagerado e assume o papel de facilitador, e não de

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

comandante. O bom instrutor forma pessoas que não precisam mais dele — e esse é o maior sinal de que o trabalho foi bem feito.

3. Ensinar exige método — organizar, demonstrar, corrigir, revisar

Ser um bom atirador não garante que alguém será um bom instrutor. A habilidade técnica não se traduz automaticamente em capacidade de ensinar. Para transformar conhecimento em aprendizado, é preciso método. Não basta repetir o que sabe. É preciso estruturar o que sabe, organizar o conteúdo, demonstrar com clareza, corrigir com precisão e revisar sempre que necessário.

O erro comum de muitos instrutores está em confiar demais na improvisação. Eles acreditam que experiência basta. Mas sem organização, o ensino vira confusão. O aluno não entende a lógica, não enxerga sequência, não assimila o porquê de cada etapa. Quando o conteúdo é transmitido de forma desorganizada, o que o aluno absorve é fragmentado. E conhecimento fragmentado não sustenta a ação sob pressão.

O instrutor precisa saber o que vai ensinar, em qual ordem e por que aquela ordem importa. Precisa demonstrar de forma limpa, com linguagem acessível e postura objetiva. Precisa corrigir o erro com foco na causa, e não apenas no efeito. E precisa revisar os pontos críticos até que o aluno esteja firme. Clareza, simplicidade e sequência lógica são os pilares de um bom ensino técnico. Quem domina isso ensina bem. Quem ignora isso, ensina mal — mesmo sendo excelente no que faz.

Um ponto essencial muitas vezes negligenciado é o uso do briefing e do debriefing. O briefing não é apenas um momento de instrução inicial, mas uma oportunidade de alinhar expectativas, antecipar erros comuns e preparar o aluno mentalmente para o que será treinado. Já o debriefing é onde o verdadeiro aprendizado acontece. É nesse momento que o instrutor avalia se o conteúdo foi realmente compreendido, identifica falhas na própria didática e colhe impressões que normalmente passariam despercebidas durante a execução. Essa troca sincera permite ao instrutor evoluir, ajustar sua abordagem e entender o impacto real daquilo que foi ensinado. Quem ignora o debriefing, ensina no escuro.

4. A prática como meio, não como palco

A parte prática do treinamento é, sem dúvida, a mais esperada por muitos alunos. É ali que se aplica o que foi aprendido, que se corrige o que foi falhado e que se solidifica a habilidade

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

técnica. Mas também é o momento onde o ego do instrutor pode se infiltrar sem ser percebido. Quando o ensino prático se transforma em um palco para demonstrações de superioridade ou exibição de destreza, o foco do aluno se perde, a pedagogia se dissolve e o ambiente de aprendizado se contamina.

A prática deve ser tratada como ferramenta de construção, não como vitrine de desempenho. O instrutor não está ali para mostrar o quanto sabe fazer, mas para garantir que o aluno aprenda a fazer com segurança, autonomia e técnica. A demonstração tem sua importância, mas deve ser objetiva, limpa e direta. O protagonismo pertence ao aluno, não ao instrutor. Treinar é testar, corrigir, repetir e refinar. É um processo, não um espetáculo.

É justamente nesse momento que o instrutor pode ser colocado à prova. Quando há alunos com mais vivência ou conhecimento prévio, principalmente aqueles com postura mais questionadora ou técnica, o instrutor pode sentir-se desafiado. Se não tiver equilíbrio, reage com arrogância, eleva o tom, endurece as regras e transforma o treino em uma disputa pessoal. É nesse ponto que muitos caem: a soberba toma o lugar da razão e o ambiente se deteriora. Um bom instrutor precisa entender que manter o profissionalismo é mais importante do que manter a autoridade. Ser desafiado não é desrespeito, é parte do processo. Saber conduzir esse tipo de situação com firmeza e serenidade mostra maturidade real — e garante o respeito de todos.

Outro ponto essencial é compreender que o erro faz parte da prática. O aluno precisa errar para aprender, e o instrutor precisa saber interpretar esses erros com inteligência. Ao invés de apontar falhas com sarcasmo ou desdém, o bom formador transforma o erro em oportunidade de ajuste. Ele não julga a execução, ele corrige a origem. Isso só é possível quando a prática é conduzida com calma, sem pressa por resultado, com foco em formar consistência e não apenas velocidade.

A prática bem conduzida também exige um ambiente livre de tensão desnecessária. Pressionar o aluno além do necessário não forma resistência, forma bloqueio. Um treino técnico precisa de cobrança com critério, e não de intimidação. O instrutor que entende isso cria um espaço onde o aluno se sente seguro para evoluir. Porque, no fim das contas, o treinamento prático deve servir como espelho. E um espelho só mostra o que está diante dele — não o que ele gostaria de parecer.

5. Evoluir para formar — o instrutor que estuda, testa e se transforma

O instrutor que acredita que já sabe o suficiente para sempre, está estagnado. A área de armamento e tiro, como qualquer disciplina técnica séria, exige atualização constante, revisão

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

de métodos e disposição para testar o que se ensina. Ensinar não é o ponto final da linha. É justamente o momento em que mais se deve estudar. Quem ensina, precisa estar sempre um passo à frente — e não apenas na prática, mas também na forma de pensar, organizar, comunicar e avaliar.

A evolução técnica não acontece sozinha. Ela depende de estudo intencional, comparação de abordagens, participação em cursos, análise crítica da própria didática e abertura para rever tudo o que já foi ensinado. Um instrutor que não estuda se torna repetidor de si mesmo. Ele recicla o que aprendeu anos atrás e aplica da mesma forma, mesmo quando o contexto mudou. Isso cria alunos defasados e formações ultrapassadas. Quem quer formar profissionais de verdade, precisa continuar sendo aluno da própria profissão.

Mais do que isso, o bom instrutor testa o que ensina. Ele não se acomoda em discursos prontos. Ele verifica, ajusta, mede resultado, muda de abordagem quando necessário e busca evidência daquilo que transmite. Essa prática de revisão constante transforma o ato de ensinar em algo vivo, dinâmico, ajustável. E isso fortalece a confiança do aluno, porque mostra que há responsabilidade por trás de cada comando dado em sala de aula ou linha de tiro.

Evoluir não é sinal de dúvida. É sinal de compromisso. É fácil cair na armadilha da repetição automática, especialmente para quem já tem experiência. Mas o verdadeiro profissional não se esconde atrás do tempo de serviço. Ele coloca sua experiência a serviço da melhoria contínua. O melhor instrutor é aquele que se transforma enquanto ensina, e que reconhece que sua formação nunca está completa. Porque, no fim das contas, quem para de aprender, para de ensinar de verdade.

6. Considerações finais

Transmitir conhecimento, não formar discípulos. Essa é, em essência, a missão de um instrutor que leva sua função a sério. O que se espera de um profissional do ensino técnico de armamento e tiro não é carisma, fama ou prestígio pessoal. É responsabilidade, clareza, ética e domínio sobre o que ensina. Um instrutor maduro sabe que seu maior legado não é ser lembrado como autoridade incontestável, mas formar alunos que andem com as próprias pernas, pensem com clareza e tomem decisões com segurança, mesmo longe do ambiente de treinamento.

Esse tipo de formação exige mais do que técnica. Exige postura, método e estudo constante. Quem pretende formar outros precisa, antes de tudo, continuar se formando. E esse processo não acontece só com cursos operacionais. Ele se fortalece de forma profunda quando o instrutor busca conhecimento em áreas como **psicopedagogia**, **andragogia**, **neurociência da**

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

aprendizagem, **comunicação pedagógica** e **dinâmica de grupo**. São nesses campos que estão as ferramentas que fazem a diferença entre quem apenas transmite comandos e quem realmente transforma a forma como o outro aprende.

Um curso de tiro pode parecer, à primeira vista, um ambiente puramente técnico. Mas o que está em jogo é muito mais do que movimento. É decisão sob risco. É reação com controle. É maturidade diante do imprevisível. E isso só se constrói com ensino bem estruturado, prática com propósito e uma relação de confiança entre quem ensina e quem aprende.

Este artigo foi escrito para provocar, para fazer pensar e para lembrar que o instrutor que mais ensina é o que continua aprendendo. Ensinar armas não é sobre mostrar o que se sabe. É sobre construir o que o outro precisa saber. E fazer isso com honestidade, humildade e competência. O instrutor que busca evoluir forma alunos melhores. E um dia, inevitavelmente, será superado por eles. Esse é o ciclo ideal. E o maior sinal de que o trabalho foi bem-feito.

Referências

BEARARE, Sandro. *Ciência das Armas*. Coroados: ProPoint, 2023. ISBN 978-65-01-44041-5.

BEARARE, Sandro. *Educação em Conflito – Inteligência Artificial: Evolução ou Revolução?* Adamantina: Ludus Vision, 2025. ISBN 978-65-980786-1-4.

GAIGNIER, Jean-Pierre. *Didática do ensino técnico e profissional*. São Paulo: SENAC, 2001.

KNOBLAUCH, Letícia. *Psicopedagogia aplicada à prática docente*. Curitiba: Ibpex, 2008.

MOREIRA, Marco Antônio; MASINI, Elcie F. S. *Aprendizagem Significativa: teoria e prática*. São Paulo: Centauro, 2001.

NUNES, Célia Maria R.; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. *Psicopedagogia: uma visão diagnóstica e interventiva*. São Paulo: Loyola, 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento — um processo sociocultural*. São Paulo: Scipione, 2002.

SCHMIDT, Richard A.; WRISBERG, Craig A. *Aprendizagem e performance motora: uma abordagem baseada no processo*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

VALENTE, José Armando. *Formação de professores e integração das tecnologias: construindo uma nova racionalidade*. Campinas: UNICAMP/NIED, 2003.

ZABALA, Antoni. *Didática e prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.